

Palavras ao Vento

Cláudio Maia - Brasil

É no mínimo ignorância, se não má fé, ou pura politicagem, atribuir ao Plano Real a responsabilidade pelas recentes turbulências das bolsas ou do mercado de câmbio. O Brasil atravessa um dos melhores momentos de sua história no que se refere aos fundamentos econômicos. Apesar de ainda ter um longo caminho a percorrer, raras vezes conseguiu resultados tão expressivos em suas contas.

Antes de tudo, nunca é demais lembrar que o Brasil conseguiu reduzir para menos de meio por cento uma inflação que chegou a 84% ao mês durante o governo Sarney. Que o déficit fiscal (despesas menos receitas do governo), hoje em torno de 4,7% do Produto Interno Bruto, é quase a metade do que era no início do Plano Real (8% do PIB). É um número pouco superior à média europeia, que é de 4,5%. Que o país chegará ao fim do ano com superávit primário perto de 1,5% do PIB.

Também não é demais lembrar que as reservas cambiais acumuladas até agora são suficientes para financiar 12 meses de importações, quando em 1992 não chegavam a cobrir cinco meses. Que nunca o país importou tanto quanto agora. Que o déficit comercial, previsto em US\$ 16 bilhões no início do ano, não ultrapassará US\$ 9 bilhões até dezembro, porque as exportações cresceram 11% nos dez primeiros meses, contra uma taxa negativa de 3% no ano passado. E que o país passou de uma recessão violenta, na chamada

“década perdida”, para um crescimento sustentado.

Se nenhum desses argumentos é suficiente para provar que o país melhorou, é caso de perguntar se os politiqueiros de hoje, de esquerda ou de direita, preferem voltar ao passado. Afirmar que os ataques especulativos são consequência da atual política econômica só pode ser discurso demagógico com pretensões eleitoreiras.

O presidente Fernando Henrique foi extremamente educado ao classificar de “infantil” quem imagina que o governo seja o responsável pelas oscilações das bolsas. As acusações que se ouviram nos últimos dias vão muito além da ingenuidade das crianças. Como estadista informado do seu tempo, o presidente apenas lembrou que as bolsas de Nova Iorque, Londres, Paris, Estocolmo e outras passaram pelas mesmas turbulências e nem por isso os parlamentos europeus ou americano decretaram o fim do capitalismo.

Como estadista sereno, o presidente propôs que se esquecessem as divergências e pregou a união em torno dos objetivos maiores do país. Lembrou que para enfrentar a onda especulativa tomou medidas extremamente impopulares às vésperas de uma eleição, como a elevação das taxas de juros. E que só a união de todas as forças políticas poderá construir, com a reforma do Estado brasileiro, um equilíbrio sólido e duradouro contra as intempéries do sistema financeiro internacional. O resto é politicagem. Palavras ao vento.